



A literatura feminista e negra escrita por Zora Hurston, Alice Walker e Eliana Alves Cruz: poética da diversidade e negritude nas Américas afro-diaspóricas

Livia Coelho Netto Affonso (PPGSA/UFGA – livia.coelho.netto.affonso@gmail.com).¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4098-8589>

Resumo: Este artigo analisa três romances escritos por mulheres negras nas Américas afro-diaspóricas: *Seus olhos viam Deus* de Zora Hurston, *A cor púrpura* de Alice Walker e *Água de barreira* de Eliana Alves Cruz. Escritos nos Estados Unidos e no Brasil, nos séculos XX e XXI, estes trabalhos literários proporcionam discussões sobre culturas negras e suas relações com a sociedade. Com uma revisão bibliográfica e uma inspiração na redução estrutural dos romances, criada na Sociologia da Literatura de Antonio Candido, a prosa de Hurston, Walker e Cruz acarretou o uso de estudos literários e das teorias socioantropológicas: feminismo negro, estudos culturais de Paul Gilroy e Stuart Hall, poética da diversidade de Édouard Glissant e negritude. Primeiramente, há um exame do significado do termo literatura negra, especificamente escrita por mulheres, que exibe um aspecto internacional em proximidade com o Atlântico negro de Gilroy, da diáspora de Hall e de uma poética da diversidade de Glissant. Ademais, os romances foram considerados como parte de um pensamento feminista negro, que, na busca de suas protagonistas por autodefinição, subjetividade e identidade, se encontra com o movimento de negritude, a estética diaspórica e uma literatura da Relação. Enfatizou-se, então, que Hurston, Walker e Cruz retratam modos de falar negros, o que desenvolve a valorização de linguagens desprezadas pela ideologia branca ocidental. Sobre as obras literárias, produz-se uma nova “África”, com um retorno dos indivíduos negros a si mesmos. Em uma tentativa de ver conexões entre as teorias mencionadas, este artigo também pensou na possibilidade de um novo humanismo dentro desses romances. Nesse sentido, esses trabalhos literários são uma literatura feminista e negra da diáspora relacionada a uma poética da diversidade e à negritude.

Palavras-chave: Literatura negra, Feminismo negro, Negritude, Poética da diversidade, Diáspora, Sociologia da Literatura.

The feminist and black literature written by Zora Hurston, Alice Walker and Eliana Alves Cruz: poetics of diversity and négritude in the afro-diasporic Americas

Abstract: This article analyses three novels written by black women in the afro-diasporic Americas: Zora Hurston’s *Their eyes were watching god*, Alice Walker’s *The color purple* and Eliana Alves Cruz’s *Água de barreira*. Written in the United States and in Brazil, in the twentieth and twenty-first centuries, these literary works provide discussions about black cultures and its relations with society. With a bibliographic review and an inspiration in the structural reduction of novels, created by Antonio Candido’s Sociology of Literature, the prose of Hurston, Walker and Cruz resulted in the use of literary studies and the socioanthropological theories: black feminism, Paul Gilroy and Stuart Hall’s cultural studies, Édouard Glissant’s poetics of diversity and négritude. Firstly, there was an examination of the meaning of the concept of black literature, specifically written by women, which exhibits an international aspect in

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFGA).



proximity of Gilroy's Black atlantic, Hall's diaspora and Glissant's poetics of diversity. Besides, the novels were considered as part of a black feminist thought, which, in the search of it's protagonists for self-definition, subjectivity and identity, encounters with the négritude movement, the diaspora's aesthetics and a literature of Relation. It was then emphasized that Hurston, Walker and Cruz portray black ways of speaking, which develops an appreciation for speeches that are despised by the white western ideology. About the literary works, a new "Africa" is produced, with the black individuals returning to themselves. In an attempt of seeing connections between the mentioned theories, this article also thought of the possibility of a new humanism inside these novels. In this way, these literary works are a diaspora's black and feminist literature related to a poetics of diversity and négritude.

Keywords: Black literature, Black feminism, Négritude, Poetics of diversity, Diaspora, Sociology of Literature.

La literatura feminista y negra escrita por Zora Hurston, Alice Walker y Eliana Alves Cruz: poética de lo diverso y negritud en las Américas afrodiaspóricas

Resumen: Este artículo analiza tres novelas escritas por mujeres negras en las Américas afrodiaspóricas: *Sus ojos miraban a Dios* de Zora Hurston, *El color púrpura* de Alice Walker y *Água de barreira* de Eliana Alves Cruz. Escritos en Estados Unidos y en Brasil, en los siglos XX y XXI, estos trabajos literarios proporcionan discusiones sobre las culturas negras y sus relaciones con la sociedad. Con una revisión bibliográfica y una inspiración en la reducción estructural de las novelas, creado por la Sociología de la Literatura de Antonio Candido, la prosa de Hurston, Walker y Cruz resultó en el uso de los estudios literarios y de las teorías socioantropológicas: feminismo negro, estudios culturales de Paul Gilroy y Stuart Hall, poética de lo diverso de Glissant y negritud. Primeramente, hay un examen del término literatura negra, específicamente escrita por mujeres, que exhibe un aspecto internacional que está cerca del Atlántico negro de Gilroy, de la diáspora de Hall y de una poética de lo diverso de Glissant. Además, las novelas fueron consideradas como parte del pensamiento feminista negro que, en la búsqueda de sus protagonistas por autodefinición, subjetividad e identidad, se encuentra con el movimiento de negritud, la estética diaspórica y una literatura de la Relación. Hay un énfasis, entonces, en el retrato de Hurston, Walker y Cruz de formas de hablar negras, lo que desarrolla apreciación por lenguajes despreciados por la ideología blanca occidental. Sobre las obras literarias, una nueva "África" es producida, con los individuos negros regresando a sí mismos. En una tentativa de ver conexiones entre las teorías mencionadas, este artículo también pensó en la posibilidad de un nuevo humanismo dentro de esas novelas. En ese sentido, esos trabajos literarios son una literatura feminista y negra de la diáspora relacionada con una poética de lo diverso y la negritud.

Palabras clave: Literatura negra, Feminismo negro, Negritud, Poética de lo diverso, Diáspora, Sociología de la Literatura.

Introdução: a sociedade e a arte feita por mulheres negras

Este artigo busca analisar, através de teorias socioantropológicas, três romances escritos por mulheres negras nas Américas durante os séculos XX e XXI: *Seus olhos*



viam Deus de 1937, *A cor púrpura* de 1982 e *Água de barreira* de 2016, escritos, respectivamente, por Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a)². Como método, realiza-se uma revisão biográfica que busca um diálogo dessas obras literárias com os estudos culturais de Paul Gilroy (2001) e Stuart Hall (2003), o feminismo negro, o movimento da negritude e a ideia de uma poética da diversidade de Édouard Glissant (2005). Ademais, cita-se a importância para este estudo da perspectiva da Sociologia da Literatura do sociólogo brasileiro Antonio Cândido e seu procedimento de redução estrutural dos romances, “[...] processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária” (1993, p.9).

Dentro desse ponto de vista, para discutir literatura, principalmente em relação à análise de romances escritos por mulheres negras, é necessário unir a teoria socioantropológica ao campo dos estudos literários. Nesse sentido, destacam-se, além da Antropologia Social, áreas do conhecimento como a Sociologia da Literatura, em que se busca perceber o movimento dialético de arte e sociedade em um único sistema solidário de influências mútuas (Candido, 2006). Assim, como exposto por Cândido (1993, 2006, 2023), nas camadas profundas de uma análise de um romance, o social não é considerado externo à obra literária, mas interno à sua estrutura, fundindo-se texto e contexto.

Nas reflexões das Ciências Humanas sobre a escrita literária, a corrente alemã da teoria crítica também exerce relevante papel. Além da clássica análise sociológica da poesia de Baudelaire por Walter Benjamin (1989), enfatiza-se como Theodor W. Adorno relaciona a literatura e a sociedade, já que, segundo este autor, no estudo de obras literárias, “a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela” (2003, p.33).

Nesse contexto, é essencial pensar o social na análise de diversas formas artísticas além da literatura, principalmente em relação às culturas negras transmitidas por mulheres. Dessa forma, cita-se como Angela Y. Davis (1998) discute sociologicamente sobre a música negra estadunidense do *blues*, autora que, além de

² As datas entre parênteses referem-se ao uso pelo artigo das edições traduzidas em Língua Portuguesa dos livros *Seus olhos viam Deus* e *A cor púrpura* pelas editoras Record e José Olympio, respectivamente. Já em relação à *Água de barreira*, inicialmente publicada em 2016 pela Fundação Cultural Palmares devido à conquista pelo romance do Prêmio Oliveira Silveira, opta-se como referência a edição da editora Malê de 2018.



ser um dos grandes nomes do feminismo negro, se associa à teoria crítica por ter sido orientada por Adorno e Herbert Marcuse no início de sua trajetória acadêmica. Segundo Davis (1998), ao contrário das acusações de serem apolíticas, as grandes cantoras Bessie Smith, “Ma” Rainey e Billie Holliday demonstram em suas melodias a ligação entre o social e o pessoal, além de evidenciarem a realidade da miséria e pobreza vividas pela classe trabalhadora negra nos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial.

Como exposto pelo historiador estadunidense Lawrence Levine em *Black culture and black consciousness: afro-american folk-thought from slavery to freedom* (1977), o *blues*, a música *gospel* e os *spirituals* são exemplos de músicas negras lideradas por mulheres que devem ser analisadas pela reflexão da relação entre arte e sociedade. Em concordância com Davis (1998), Levine (1977) expõe como as cantoras de *blues* abordavam assuntos ignorados pela música popular dominante, como alcoolismo, drogas, homossexualidade, prostituição, prisão, sexualidade feminina, racismo e injustiça econômica. Além disso, essas canções eram relevantes socialmente por, de forma subversiva, demonstrarem que os desejos, as frustrações e os sonhos das mulheres negras eram importantes com merecimento de serem transmitidos pela arte da música (Davis, 1998; Levine, 1977).

Dentro do feminismo negro, no clássico *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro* da década de 1980, Patricia Hill Collins (2016) destaca a cultura das mulheres negras como um dos temas-chave das reflexões dessa corrente teórica que, assim, expõe as formas de resistência criadas por esse grupo em relação às intersecções das opressões de classe, raça e gênero. De fato, nesse próprio artigo, Collins (2016) discorre sobre a relevância social das produções literárias *Seus olhos viam Deus* (Hurstun, 2021) e *A cor púrpura* (Walker, 2016), objetos de análise deste artigo. Ademais, posteriormente em outras obras, ao discutir sobre o movimento feminista negro brasileiro, a autora estadunidense, junto com a socióloga turca Sirma Bilge, cita a relevância de escritoras como Conceição Evaristo, em que seu romance *Ponciá Vicêncio* “[...] ainda hoje é clássico quando se examinam os desafios e a criatividade de uma negra comum diante das múltiplas expressões de opressão que enfrenta” (Collins; Bilge, 2020, p. 40).



Na verdade, essas teorizações de Hill Collins (2016) se relacionam a sua tentativa dentro do pensamento feminista negro de ampliar o conceito de ativismo. Busca-se, assim, incluir nesse termo a expressão criativa das mulheres negras em áreas como literatura e música, já que há a possibilidade de serem ativistas de diversas formas dentro de suas experiências em múltiplas estruturas de dominação. Na ausência de possibilidades tradicionais de ativismo, ou, como coloca Davis (1998) sobre as cantoras negras do *blues*, na falta de uma estrutura política organizada, representações estéticas críticas de problemas sociais são atos políticos poderosos.

Nesse sentido, a relação entre literatura e sociedade torna-se cada vez mais explícita ao se perceber como as escritoras Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a) exercem uma forma de ativismo na produção de seus romances. Além dessa discussão do feminismo negro, nos estudos culturais de Gilroy (2001) e Hall (2003), nas reflexões de Glissant (2005) sobre o papel do poeta e no movimento literário e político da negritude, perspectivas que serão abordadas, é evidente a importante conexão do social com a estética e produção artística negra.

Por exemplo, o poeta martinicano Aimé Césaire (2010), no seu *Discurso sobre a negritude* de 1987, enfatiza a importância política das culturas negras, como literatura e música. Nesse contexto, estas manifestações artísticas, como os romances de Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a), são necessárias para transformações sociais e o reequilíbrio da sociedade. Logo, de acordo com Césaire, há uma “[...] pré-condição cultural indispensável a todo despertar político e social” (2010, p. 112).

Destaca-se também o papel da arte negra em Paul Gilroy, em que, com algumas discordâncias com o marxismo, a chave para emancipação não seria a autocriação por meio do trabalho, mas a expressão artística como “[...] o meio tanto para automodelagem individual como para libertação comunal” (2001, p. 100). Dentro dessa perspectiva, o autor aponta para a coexistência de *poiésis*, o ato de criar, e poética em formas inéditas, como na literatura autobiográfica e nas novas maneiras de utilizar a linguagem e a música (Gilroy, 2001). Dessa forma, em concordância com a teoria do movimento da negritude e dos estudos culturais de Gilroy (2001), considera-se a literatura de mulheres negras, como Hurston (2021), Walker (2016) e Cruz (2018a), essencial para emancipação política e social.

Romance de mulheres negras e literatura negra

Além do estudo da relação da literatura e da sociedade, enfatiza-se o uso do romance na escrita de Hurston (2021), Walker (2016) e Alves Cruz (2018a), gênero textual em relação à escrita de mulheres negras relegado ao silenciamento e à marginalidade (Miranda, 2019). Segundo a autora brasileira Fernanda R. Miranda em *Silêncios PrEscritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)* (2019) em diálogo com Toni Morrison, o romance tem relevância por ser uma forma necessária para sujeitos negros que, diante do apagamento sistemático de suas memórias e do racismo do presente, lutam pelo direito de contar suas próprias histórias.

Nesse sentido, destaca-se que Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a) utilizam um gênero textual, que, comparado a outros, tem um menor número de produções por mulheres negras devido às dificuldades em relação ao tempo e aos recursos necessários para sua publicação (Miranda, 2019). Além disso, a prosa escrita por mulheres negras, em que se insere o romance, possui peculiaridades características se comparada à poesia, como discutido por Miriam Cristina dos Santos (2018, 2021).

De acordo com a teoria de Alves (2010) exposta por Santos (2018), essas obras literárias em prosa escritas por mulheres negras são textos significativos que pautam, de várias formas, questões sobre raça e gênero. Desse modo, evidencia-se a importância do conceito de *escrevivência* para o campo dos estudos literários (Santos, 2018; Duarte, 2014), termo criado pela escritora brasileira Conceição Evaristo que “[...] em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras” (2020, p. 30).

Nesse contexto, *escrevivência*, para Evaristo (2020), é um fenômeno diaspórico e universal oposto à imagem da Mãe Preta, mulher escravizada, que tem sua voz e ato de narrar histórias controlados por escravocratas. Ao invés dos contos de ninar de um passado colonial, esse ato significa mulheres negras que usam sua escrita não “[...] para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30). Desse modo, mesmo com alcance universal, a *escrevivência* também, como na visão do pensamento feminista negro (Collins, 2016) sobre expressão criativa, tem origem na experiência diaspórica de uma nacionalidade



hifenizada que gera o amálgama entre vida e arte nessa união de “[...] escrita e vivência, escrita e existência [...]” (Evaristo, 2020, p. 31).

Além da questão da escrevivência, é possível inserir as escritoras Hurston (2021), Walker (2016) e Cruz (2018a) em uma literatura negra. Especificamente no Brasil, a categoria literatura negra suspende o silenciamento que sustenta a ordem literária brasileira (Miranda, 2019), sendo possível essa teorização ser aplicada à realidade do contexto estadunidense. Como abordado por Fernanda R. Miranda (2019), o termo questiona o cânone existente de autores nacionais ao nomear e expor a norma oculta da “literatura brasileira” como “literatura branca”. Desse modo, de forma similar ao exposto por Césaire (1977, 2010) e Glissant (2005), contesta-se a universalidade do branco ocidental e absoluto relacionada à perspectiva colonialista.

Dentro do termo literatura negra, destaca-se o problema da marginalidade produtiva, distributiva e consumidora dentro dessa categoria (Silva, 2023), como argumentado pela própria Zora Hurston (2019)³ em *O que os editores brancos não publicarão*, de 1950. Nesse contexto, dentro desse conceito, seus escritores buscam a possibilidade de proposições de sentidos que superam ideias limitadas do que seriam “temas negros” na literatura (Miranda, 2019). Assim, autoras como Hurston (2019) pretendem explicitamente produzir obras literárias que transcendem a ideia de livros relacionados apenas à dimensão dos conflitos e tensões raciais, cultivando romances que abordam questões como as complexas emoções e vidas amorosas das pessoas negras, exemplificados por *Seus olhos viam Deus* (Hurston, 2021).

Outro fator importante é a existência de uma vertente alternativa da Teoria Literária através de Duarte (2014) que utiliza o conceito literatura afro-brasileira, termo empenhado em resgatar uma ancestralidade africana (Bernd, 1987 *apud* Silva, 2023). Contudo, destaca-se a escolha de usar o termo literatura negra, categoria que, segundo as ideias de Bernd expostas pelo sociólogo Mário Augusto Medeiros da Silva (2023), transcende os limites relacionados à época, à geografia e ao idioma.

Dentro desse ponto de vista, a noção de uma literatura negra além das fronteiras dos Estados-nações se associa aos conceitos de uma poética da diversidade de Glissant (2005) e dos estudos culturais de Gilroy (2001) e Hall (2003). De fato, as

³ Este artigo utiliza a versão do texto *O que os editores brancos não publicarão* traduzida pelo antropólogo Messias Basques, autor que também revisou a tradução de *Seus olhos viam Deus* (Hurston, 2021) pela editora Record.



produções literárias de Hurston (2021), Walker (2016) e Alves Cruz (2018a) dentro das Américas afro-diaspóricas, nos Estados Unidos e no Brasil, podem ser inseridas, de forma antitética ao nacionalismo, nessa “estrutura rizomórfica e fractal da formação transcultural e internacional” (Gilroy, 2001, p. 38) chamada de Atlântico negro.

Sobre as manifestações intelectuais e artísticas do Atlântico negro, na busca de uma política global anticapitalista, anti-imperialista e antirracista, é possível afirmar que os próprios romances escritos por mulheres negras criticam a modernidade iluminista, colonial e escravocrata do Ocidente, como proposto por Miranda (2019) em concordância com a teoria de Paul Gilroy (2001). Além disso, como na literatura de Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a), Stuart Hall também pretende ter uma perspectiva diaspórica da cultura além do nacional que marca “o fim da ‘modernidade’ definida exclusivamente nos termos ocidentais” (2003, p. 45) e se opõe à “[...] modernidade marcada pela conquista, expropriação, genocídio, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial” (2003, p. 30).

Nesse sentido, dialoga-se com uma grande influência para os estudos culturais de Gilroy (2001) e Hall (2003), que consiste na ideia de uma poética da diversidade pelo autor martinicano Édouard Glissant (2005). Dentro dessa perspectiva, Glissant (2005) aborda uma transnacionalidade, como vista no conceito de literatura negra (Silva, 2023), relacionada a uma poética da Relação e a uma identidade rizoma⁴, contrárias à identidade raiz excludente. Ou seja, nesse clássico *Introdução a uma poética da diversidade*, Glissant (2005), inspirado na teoria dos filósofos franceses Félix Guattari e Gilles Deleuze, pensa em uma nova literatura associada ao rizoma que entra em Relação com outras raízes, não pretendendo ser uma raiz única e absoluta, ligada aos processos de expansão e genocídio colonial.

Contudo, é relevante destacar que essa característica transnacional da literatura negra não sugere a ausência de diferenças entre as escritas de mulheres negras nos Estados Unidos e aquelas produzidas no Brasil, como nos romances de Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a). Como exposto por Patricia

⁴ Poética da Relação e identidade rizoma são dois conceitos importantes nas obras do poeta martinicano Édouard Glissant. Poética da Relação, junto com a poética da diversidade, caracteriza um imaginário e um modo de pensar que nega a identidade do ser absoluto, identificando a realidade relacional do contato constante e aberto com os outros em uma conexão em rede. Enfim, a ideia do rizoma, retirada da teoria dos filósofos franceses Deleuze e Guattari, é essa metáfora vegetal que manifesta uma identidade relacionada a uma raiz que estende suas ramificações em direção às outras raízes, gerando uma noção de abertura e tolerância associadas à poética da Relação.



Hill Collins (2016), não se pode falar de um feminismo negro ou de uma cultura de mulheres negras homogêneas. Por mais que existam pontos de vista singulares compartilhados pela posição negra feminina na sociedade, temas comuns são experimentados de maneira diferente em relação a questões como classe, religião, idade, orientação sexual e, principalmente, região (Collins, 2016).

Portanto, como colocado na proposta de um feminismo afro-latino-americano pela antropóloga brasileira Lélia Gonzalez (2020) e expresso no romance *Água de barreira* de Cruz (2018a), existem problemas únicos que amefricanas, junto com ameríndias, sofrem no capitalismo dependente e periférico do Sul Global da América Latina. Nesse contexto, Édouard Glissant afirma que a literatura não está suspensa no ar e “há um lugar incontornável de emissão da obra literária” (2005, p. 42), evidenciando-se, porém, que há uma perspectiva transnacional de estabelecimento de Relação entre esse lugar e a totalidade-mundo. Logo, o ponto de vista de uma literatura negra e uma poética da diversidade, abertas ao mundo, não impede, por exemplo, a singularidade e a identidade dos romances especificamente brasileiros (Glissant, 2005).

Assim, como teorizado por Gilroy (2001), o Atlântico negro como unidade única e complexa de uma perspectiva intercultural e transnacional, baseada na estrutura da diáspora africana, também consiste em um entrelaçamento entre o local e o global. Desse modo, não é necessário em uma análise negar as diferenças regionais evidentes entre os romances de Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a).

Em retorno à teoria de Hill Collins (2016, 2020), *A cor púrpura* de Walker (2016), com sua escritora e protagonista não heterossexuais, também exibe um ponto de vista diferenciado das obras de Hurston (2021) e Alves Cruz (2018a). Ademais, além da questão da emissão do livro no Sul Global, Eliana Alves Cruz em *Água de barreira* (2018a), diferente de Zora Hurston (2021) e Alice Walker (2016), traz à tona o aspecto das religiões afro-brasileiras e o racismo religioso sofrido por seus praticantes. Dessa maneira, enfatiza-se que, como posto por Hill Collins (2016), quanto mais afetados pelos múltiplos sistemas de dominação, mais nítidas são as visões dos sujeitos sobre a natureza interligada e interseccional das opressões.

Sobre a negação da identidade raiz, única e colonial, em Glissant (2005), busca-se, então, uma literatura não do ser absoluto, mas do “sendo” perpetuamente mutável



da noção de crioulização, fenômeno de culturas heterogêneas colocadas em Relação que gera um resultado imprevisível. Assim, em conformidade com Édouard Glissant, Stuart Hall (2003) expõe uma lógica cultural da estética diaspórica, presente na literatura negra de Hurston (2021), Walker (2016) e Alves Cruz (2018a), que consiste em um processo aberto e fluído de combinações de diversos elementos, inscritos de forma diferente pelas relações de poder.

Romances *Seus olhos viam Deus*, *A cor púrpura* e *Água de barrela*

Primeiramente, Zora Neale Hurston (1891-1960) foi uma escritora, folclorista e antropóloga estadunidense nascida no Alabama segregacionista. Na Antropologia, como discípula de Franz Boas, destacam-se, além de suas produções literárias, suas diversas obras científicas que detinham uma nova perspectiva sobre culturas e comunidades negras, como *Baracoon: the story of the last "Black Cargo"* (2018) e *Tell my horse* (2008). *Seus olhos viam Deus* de 1937 (Hurston, 2021), seu mais famoso romance, consiste na história da vida de Janie, uma mulher negra pobre que vive na Flórida segregada em um quintal de uma família branca, patrões de sua avó apenas chamada de Babá. Após dois casamentos, com o fazendeiro Logan Killicks e com o ambicioso Joe Starks, marcados pela violência e pela exploração de seu trabalho, a protagonista, já uma rica viúva, conhece um homem mais novo de classe trabalhadora chamado *Tea Cake*. Com este, a protagonista vive um amor e uma vida simples, em uma relação não sem suas tensões e momentos violentos. Com um grande desastre natural, *Tea Cake* adoece e, em um momento de surto acarretado por sua enfermidade, tenta matar Janie, que se defende atirando com um rifle de caça. Inocentada perante um tribunal em relação à morte de *Tea Cake*, a personagem volta para cidade de Eatonville e conclui que, mesmo com o desfecho trágico, procurou e achou Deus, descobrindo como é a vida.

Já Alice Walker (1944-) é uma escritora e poeta estadunidense nascida no Sul segregado de Geórgia. Ativista feminista e participante na luta pelos direitos civis na década de 1960, tornou-se conhecida a partir dos anos 1980 por grandes obras como *A cor púrpura* (2016) e *In search of our mother's gardens* (2003). Este primeiro, romance de 1982 da autora, vencedor do Prêmio Pulitzer em ficção, segue a vida de Celie, mulher negra que vive com sua irmã Nettie em uma fazenda no interior dos



Estados Unidos. Com a mãe doente e Pai, que a abusa sexualmente, a protagonista tem dois filhos, Adam e Olivia, doados para o Reverendo e sua esposa. Em um casamento violento e infeliz com o fazendeiro Sinhô para que assim Nettie tenha a chance de ser professora, Celie é separada de sua irmã. Com a ajuda de seu amor *Shug Avery* e outras mulheres como Sofia, esposa de seu enteado Harpo, Celie abandona Sinhô após décadas de sofrimento. Nesse ínterim, a personagem descobre que Nettie se tornou uma missionária na África e que cuida de Adam e Olivia, ao lado do Reverendo e sua esposa. Assim, livre e feliz, Celie, descobrindo seus direitos às propriedades da família devido a Pai, na verdade, ser seu padrasto, reencontra finalmente com Nettie e seus filhos.

As similaridades entre a escrita de Hurston e Walker são evidentes, já que, para esta última, *Seus olhos viam Deus* (Hurston, 2021) se trata de uma grande influência para sua literatura. Este romance foi esquecido pela crítica literária, com sua autora, Hurston, desaparecendo para o público e se tornando empregada doméstica nas últimas décadas de sua vida. Nos anos 1970, ao descobrir que esta escritora estava em uma cova não identificada em um cemitério segregado para negros no Sul dos Estados Unidos, Alice Walker procura sua sepultura para escrever sua lápide: “Zora Neale Hurston: um gênio do Sul. Novelista, folclorista e antropóloga” (Basques, 2019, p. 318). De fato, o ensaio de Walker *Em busca de Zora Neale Hurston* na revista *Ms.*, publicado em 1975, sobre sua procura por essa sepultura como uma metáfora para a busca da ancestralidade da escrita de mulheres negras, contribuiu intensamente para retomada de leituras das obras de Hurston no final do século XX (Basques, 2019; Hurston, 2021).

Por fim, considerada por Conceição Evaristo (2020) como parte da geração atual das novas expressões de escrita associadas ao conceito de escrevivência, Eliana Alves Cruz (1966-) é uma escritora e jornalista brasileira, nascida no Rio de Janeiro, com quatro romances publicados entre 2016 e 2022 (Literafro, 2022). *Água de barrela* (2018a), seu livro, originalmente publicado em 2016, aborda gerações de uma mesma família durante três séculos, em que a vida dessas personagens negras é entrelaçada ao trabalho para uma mesma família branca, os Tosta. Da escravidão à exploração em empregos precários no século XX, as protagonistas negras, como Anolina, Martha e Celina, têm destaque, sendo a personagem Damiana central à narrativa. Nesse sentido, é significativo que a cena inicial do livro retrata o aniversário



de cem anos de Damiana em 1988, nascida no mesmo ano da abolição da escravidão no Brasil pela Lei Áurea. Dessa forma, acompanha-se a família desde o sequestro no oeste africano de Akin Sagonkule e Ẹwà Oluwa para o trabalho escravizado no Brasil até os dias atuais das novas gerações, com a luta contínua contra diversas injustiças relacionadas à raça, à classe e ao gênero.

Pensamento feminista negro, Fanon, Glissant e Césaire

Ao refletir sobre esses romances escritos por mulheres negras das Américas afro-diaspóricas (Hurstun, 2021; Walker, 2016; Cruz, 2018a), já é possível evidenciar diversas semelhanças entre suas narrativas. Em primeiro lugar, há uma compreensão interseccional de um pensamento feminista negro nessas obras literárias (Collins, 2016, 2019). Portanto, ao serem abordadas as violências e dificuldades vivenciadas pelas protagonistas, a escrita literária de Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a) evidencia que são experiências específicas às personagens negras e pobres, não gerando a “superinclusão”, conceito de Greenshaw (2002, 2004), de que seriam relacionadas a todas as mulheres.

Por exemplo, em *Água de barrela*, nas reflexões da personagem Anolina, liberta há poucos meses pela Lei Áurea, sobre sua luta contínua pela sobrevivência de sua família: “[...] Apenas era uma mulher prática e sem ilusões. Queria que a filha também fosse assim, pois se a vida era mais dura para os negros, piorava bastante se esse negro fosse mulher” (Cruz, 2018a, p. 118). Já em *A cor púrpura*, em uma conversa que Celie tem com *Shug Avery* sobre sua visão de Deus como um homem branco: “Deixa ele escutar, eu falei. Se ele alguma vez escutasse uma pobre mulher negra o mundo seria um lugar bem diferente, eu posso garantir” (Walker, 2016, p. 194).

Nesse contexto, *Seus olhos viam Deus* (Hurstun, 2021) também fomenta esse pensamento interseccional. No posfácio da edição brasileira deste romance, o crítico literário estadunidense Henry Louis Gates Jr., representante significativo da história e teorias culturais negras (Gilroy, 2001), afirma que a voz empregada por Zora Hurston consiste em uma revisão da metáfora da dupla consciência de W.E.B. Dubois devido à sua divisão em viver “[...] como mulher num mundo dominado por homens e como pessoa negra num mundo não negro” (Hurstun, 2021, p. 253). Desse modo, essa nova



perspectiva sobre a dupla consciência identificada por Gates Jr. pode ser ampliada para leituras de *A cor púrpura* (Walker, 2016) e *Água de barreira* (Cruz, 2018a)

Outro momento pertinente contrário à ideia da realidade de uma mulher universal ocorre em *Água de barreira* (Cruz, 2018a), quando a protagonista, Damiana, reflete ao ser questionada por Amélia Tosta, descendente dos padrões brancos de sua família, se ela entendia a importância da conquista do voto feminino em 1934:

De tanto ouvir as “aulas” de Lili, ela até fazia ideia, mas não sentia que isso fosse lhe alterar o destino em nada imediatamente e, na verdade, achava que já participava demais da vida da nação, pois ao contrário da prestativa, moderna e inteligente senhorinha Amélia Tosta, arregaçava as mangas e trabalhava duro desde pequena. (CRUZ, 2018a, p. 267)

Além desse ponto de vista interseccional dos romances, outro tema-chave do pensamento feminista negro está presente nas obras literárias de Hurston (2021), Walker (2016) e Alves Cruz (2018a): a autodefinição e a autoavaliação das mulheres negras. Primeiramente, o conceito de se autodefinir consiste em desafiar o processo da validação de conhecimento político que resulta em imagens estereotipadas externamente definidas (Collins, 2016). Ou seja, negam-se esses estereótipos que buscam desumanizar e controlar mulheres negras.

De acordo com Patricia Hill Collins (2016), esse ato de autodefinição rejeita a autoridade reivindicada por homens brancos de definir mulheres negras, questionando a credibilidade e a intenção por trás desse processo fundamentado por relações de poder. Com esse conceito, validam-se mulheres negras como sujeitos humanos que podem definir a si próprias. Por fim, a autoavaliação consiste nos conteúdos dessas autodefinições que valorizam aspectos da condição feminina negra que são estereotipados e ridicularizados (Collins, 2016).

No feminismo negro, busca-se, assim, enfrentar imagens externas que colocam a mulher negra como um Outro objetificado, reproduzindo e estimulando perspectivas autodefinidas contra essa desumanização, essencial aos sistemas de dominação (Collins, 2016; Gonzalez, 2020). Nesse contexto, mulheres negras são o Outro em relação ao eixo da norma de comportamento masculino branco. Dessa forma, a imagem positiva do homem branco, “sujeito real”, tem sua antítese virtual no Outro negativo da mulher negra, ser dominado e objetivado (Collins, 2016).



Esse processo de desvalorização da subjetividade é manifestado pela invisibilidade de mulheres negras. Em exemplo sobre a experiência de trabalhadoras domésticas negras, Hill Collins (2016) cita o trabalho de campo de Judith Rollins que demonstra como os patrões agem em suas casas como se estas não estivessem no local, aniquilando a humanidade e a existência dessas mulheres.

Dentro desse ponto de vista, os romances de Hurston (2021), Walker (2016) e Alves Cruz (2018a) se relacionam aos conceitos de autodefinição e autoavaliação. Nesse sentido, tanto Janie de *Seus olhos viam Deus* (Hurston, 2021) quanto Celie de *A cor púrpura* (Walker, 2016), este último romance diretamente influenciado pelo primeiro, procuram Deus e descobrem que esse aspecto transcendental se associa ao crescimento interior e ao processo de autoafirmação de si como sujeito.

Desse modo, um dos maiores momentos de *A cor púrpura* consiste quando finalmente Celie se liberta de seu casamento com Sinhô e rebate seus insultos. Neste trecho, a protagonista afirma sua existência e sua humanidade, como um sujeito que está presente naquele lugar: “Eu sou pobre, eu sou preta, eu posso ser feia e num saber cozinhar, uma voz falou pra toda coisa que tava escutando. Mas eu tô aqui” (Walker, 2016, p. 209). De fato, com a personagem *Shug* respondendo “Amém” (Walker, 2016), a voz em terceira pessoa que todos escutam se relaciona a esse aspecto divino ligado ao ato de se autoafirmar e se autodefinir contra a própria invisibilidade imposta à mulher negra.

Já em *Seus olhos viam Deus*, destacam-se as palavras da protagonista Janie no final de sua história, sobre sua procura do transcendental e as palavras maldosas de vizinhas em relação a suas ações:

[...] Num seja ruim demais com o resto delas, porque elas tá seca por num saber de nada. Aqueles sacos de osso tem de chacoalhar para sentir vivo. Deixa elas se consolar com as conversa. Conversar num vale um monte de feijão quando a gente num pode fazer nada. E escutar essas conversa é o memo que abrir a boca e deixar a lua brilhar pela goela dentro. Todo mundo sabe, Pheoby, cê tem de *ir* lá para *conhecer* lá. Nem seu pai nem sua mãe nem ninguém mais pode dizer nem mostrar procê. Duas coisa todo mundo tem de fazer por si mesmo. Tem de procurar Deus e descobrir como é a vida vivendo eles mesmo. (Hurston, 2021, p. 241).

No prefácio do romance (Hurston, 2021), a teórica literária estadunidense Mary Helen Washington conclui que essa passagem demonstra a busca da protagonista



através da experiência pelo crescimento interior, associado à conquista de uma autonomia, autorrealização e independência. Dessa maneira, a busca por Deus necessária para Janie coincide na procura de sua identidade e de sua autodefinição.

Sobre a desvalorização da subjetividade de mulheres negras, vistas como objetos, em *Água de barreira*, relata-se o sofrimento de Anolina, personagem escravizada, quando, o filho do dono de escravos “[...] Francisco deixou de usá-la como brinquedo de criança para usá-la como passatempo de homem” (Cruz, 2018a, p. 102). Ademais, em relação à invisibilidade e à desumanização das trabalhadoras domésticas negras, Eliana Alves Cruz relata explicitamente esse fenômeno em outro romance, *Solitária* (2022). Na voz de uma das protagonistas dessa obra, Eunice, uma empregada doméstica negra, sobre sua experiência junto com sua filha na vida dentro da casa dos patrões brancos:

Hoje, fico com pena do sacrifício que era se tornar invisível. Além dos espaços apertados que ocupávamos, o silêncio era um companheiro. Era preciso estar presente sem estar. Uma boa serviçal é silenciosa, e a criança dessa mulher também deve ser. (Cruz, 2022, p. 97).

Esta invisibilidade e negação da subjetividade das mulheres negras também é abordada por Gonzalez (2020) com o uso do pensamento psicanalítico de Lacan e suas categorias de infante e de sujeito-suposto-saber. Este primeiro termo se relaciona à mulher negra, em que esta é falada pelos outros sem a possibilidade de ser sujeito em seu próprio discurso. Nesse sentido, o conceito se origina na análise de uma criança que, mesmo estando presente em um local, é falada pelos adultos na terceira pessoa, sendo excluída e ignorada, como as trabalhadoras domésticas negras em seu cotidiano na teoria de Collins (2016). Ou seja, o sistema ideológico dominante de classificação e definição infantiliza as mulheres negras, negando sua humanidade e seu direito de ser sujeito no discurso de sua própria história (Gonzalez, 2020; Collins, 2016).

Já a categoria lacaniana do sujeito-suposto-saber consiste nas identificações imaginárias de determinadas figuras com o saber que não possuem, como a mãe, o pai, o psicanalista e o professor. Dentro dessa perspectiva, inclui-se o homem branco como sujeito-suposto-saber que reivindica saberes sobre os Outros para defini-los e avaliá-los. Desse modo, dialoga-se também com os estudos pós-coloniais do crítico



literário palestino Edward Said (1990), quando o autor, por exemplo, aponta que os orientalistas brancos ocidentais afirmam saber sobre o “Oriente” em sua totalidade, sendo capazes de definir os “orientais”.

Dentro dessa discussão, contrária ao ponto de vista colonialista, Lélia Gonzalez (2020) cita Frantz Fanon e Albert Memmi ao teorizar sobre a psicologia do colonizado frente ao colonizador. Nesse contexto, a categoria do sujeito-suposto-saber enriquece a compreensão dos mecanismos psíquicos inconscientes que geram pelo colonizado a atribuição de superioridade ao colonizador. Assim, em diálogo com Patricia Hill Collins (2016), acatar esse saber e esse status superior corresponde a aceitar a autoridade dos homens brancos colonizadores de definir e avaliar externamente mulheres negras colonizadas.

Ademais, as definições externas dos colonizadores brancos se relacionam com a categoria do infante para pessoas negras, porque essas consistem na infantilização e inferiorização dos colonizados (Fanon, 2008). Como expõem Fanon (2008) e Césaire (1977), ao lerem obras de estudiosos europeus como Mannoni, o preto sempre é visto como uma criança grande dependente ou como um não sujeito, animal selvagem. Dessa forma, a ideologia racista e colonialista (Césaire, 1977) gera diversos obstáculos para a autodefinição e a autoavaliação das pessoas negras colonizadas.

Nesse sentido, concordar com essa lógica significa consentir com a avaliação e definição do colonizador branco dos grupos subordinados como Outros objetificados (Collins, 2016). Dentro desse debate, quando mulheres negras, como as protagonistas dos romances de Hurston (2021), Walker (2016) e Alves Cruz (2018a), se definem e se avaliam ou se afirmam como sujeitos no próprio discurso, estas desafiam as suposições de autoridade, saber e superioridade do colonizador branco ocidental (Gonzalez, 2020). Em combate ao colonialismo e ao sistema patriarcal racista, essas personagens negras conseguem falar de si na primeira pessoa, processo necessário para sua sobrevivência como sujeito (Collins, 2016).

Segundo Glissant (2005), esse ponto de vista colonialista genocida de uma identidade raiz única, relacionada às imagens externas estereotipadas, nega o direito de cada um ser opaco. Quando o branco ocidental tenta compreender e definir o Outro, ele o reduz ao modelo de sua própria transparência. Assim, identificada com



uma política da identidade rizoma de tolerância e abertura, a capacidade de opacidade é uma evidência da não barbárie.

Em continuidade com Collins (2016), a cultura das mulheres negras transmite e cria autodefinições e autoavaliações, sendo uma forma de ativismo não tradicional, necessário para lidar com a natureza interligada das opressões vivenciadas. Nesse contexto, é possível incluir nessa discussão a literatura, exemplificada pelos romances de Hurston (2021), Walker (2016) e Cruz (2018a), e a música. Retorna-se, assim, às teorizações de Davis (1998) e Levine (1977) sobre a relevância das grandes artistas negras de *blues* nos Estados Unidos que se afirmavam como sujeitos, tornando-se ativistas da primeira metade do século XX. Dessa forma, em *A cor púrpura* (Walker, 2018), por exemplo, a personagem *Shug Avery*, que auxiliou na emancipação da protagonista Celie, é uma cantora desse ritmo musical, inclusive amiga de Bessie Smith e detentora de uma carreira de sucesso na cidade de Memphis, Tennessee.

Dentro da cultura de mulheres negras, abordam-se também os relacionamentos interpessoais em uma noção de irmandade, um sentimento de solidariedade e lealdade devido às intersecções de opressões compartilhadas (Collins, 2016). Exemplificando essa teoria na literatura estudada, em *Seus olhos viam Deus* (Hurston, 2021), o auxílio e o amparo da protagonista Janie apenas ocorre de maneira efetiva através de Pheoby. Já em *A cor púrpura* (Walker, 2016), a emancipação de Celie dos abusos de Sinhô ocorre devido às relações com Nettie, *Shug Avery*, Sofia e Mary Agnes. Por fim, *Água de barreira* (Cruz, 2018a), demonstra a cumplicidade na luta pela sobrevivência, através dos séculos, entre as personagens Dasdô, Umbelina, Anolina, Isabel, Martha, Tutu, Celina, Damiana, Dodó e Nunu.

Ainda sobre essas relações interpessoais, há também, em Collins (2016), o destaque para a relação das mães, mulheres negras, com seus filhos, biológicos e de famílias estendidas. Como demonstrado diretamente em *Seus olhos viam Deus* (Hurston, 2021), com a personagem Babá, e *Água de barreira* (Cruz, 2018a), com suas diversas protagonistas, essas figuras maternas, ao lutarem por melhores condições de vida para suas crianças, produzem estratégias de combate aos múltiplos sistemas de dominação existentes, sendo ativistas não tradicionais de suas comunidades negras. Desse modo, esse ativismo peculiar das mulheres negras é observado no romance de Eliana Alves Cruz, em uma fala da personagem Umbelina sobre o

cotidiano de Martha, mãe de Damiana e Dodó: “Nem todo mundo guerreia gritando” (2018a, p.191).

Assim, dentro da perspectiva feminista da relevância da reprodução social para toda sociedade (Fraser, 2020; Arruza; Bhattacharya; Fraser, 2019; Federici, 2019) e da relação da cultura das mulheres negras (Collins, 2016), é possível afirmar que o apoio mútuo no trabalho de cuidado consiste em um modo de sobrevivência e mitigação dos múltiplos sistemas de opressão. Por exemplo, em *A cor púrpura* (Walker, 2016), Celie, Nettie, Mary Agnes e Sofia cuidam dos filhos uma das outras, agindo de forma comunitária. Já em *Água de barreira* (Cruz, 2018a), junto com essa questão, Dasdô, Umbelina, Martha, Isabel e Anolina, mulheres escravizadas, se auxiliam no processo de parto uma das outras. Dessa maneira, especificamente nessa obra de Eliana Alves Cruz (2018a) que retrata mulheres negras no período da escravidão, recorda-se a afirmação de Gonzalez de que “[...] foi dentro da comunidade escrava que se desenvolveram formas político-culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular pela liberação” (2020, p. 134).

Retornando a ideia do feminismo negro de se autoafirmar como sujeito e buscar sua própria identidade, esta coincide com os propósitos do movimento da negritude de Aimé Césaire (2010). Ademais, de forma surpreendente, mesmo com as discordâncias entre os autores, Césaire se aproxima de Édouard Glissant (2005) quando pensa “[...] em uma identidade não arcaizante [...] apoderando-se do presente, para melhor reavaliar o passado e, mais ainda, preparar o futuro” (2010, p. 113).

Nesse sentido, existem algumas similaridades com a visão de Glissant (2005) que, em sua busca de uma nova identidade rizoma, não procura um retorno a uma origem fixa, única e arcaizante. Logo, a nova literatura de uma poética da Relação e da diversidade (Glissant, 2005) pode ser identificada nas obras literárias da negritude também associadas aos romances feministas e negros das Américas afro-diaspóricas, exemplificados por Hurston (2021), Walker (2016) e Alves Cruz (2018a).

Modos de falar negros, a releitura da África e um novo humanismo

Sobre a linguagem nos romances de Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a), observa-se o uso de formas de falar negras das Américas afro-diaspóricas. De acordo com Frantz Fanon (2008) em *Peles negras, máscaras*



brancas, como negros colonizados são inferiorizados, suas línguas e seus dialetos com seus crioulistmos são vistos com desdém pelo pensamento ocidental. Logo, às pessoas negras, obriga-se que reproduzam a fala europeia colonial e dominante.

Entretanto, dentro de uma visão feminista negra (Collins, 2016), Hurston (2021), Walker (2016) e Cruz (2018a), como mulheres negras em sua expressão criativa, valorizam, em suas autodefinições e autoavaliações, as formas de falar estereotipadas e criticadas por colonizadores brancos (Fanon, 2008). Desse modo, as protagonistas de *Seus olhos viam Deus* (Hurston, 2021) e *A cor púrpura* (Walker, 2016) se expressam em *African American Vernacular English* (AAVE) (Shaheen; Qamar; Khan, 2021; Lauture, 2020) ou Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA) (Stein, 2020), já as personagens de *Água de barreira* (Cruz, 2018a) conversam em pretuguês (Gonzalez, 2020), ambos tipos de africanizações e crioulições de línguas europeias.

Em diálogo com Édouard Glissant (2005), as falas negras das obras de Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a) cumprem o propósito de uma nova literatura contrária à lógica colonial da língua específica e pura, eleita por um deus, relacionada ao inglês e ao português europeus dominantes nos Estados Unidos e no Brasil. Portanto, essas escritoras atingem, com o *African American Vernacular English* (Shaheen; Qamar; Khan, 2021; Lauture, 2020; Stein, 2020) e o pretuguês (Gonzalez, 2020), uma poética da Relação e da diversidade que criouliça sua linguagem, se associando a uma ideia de oralidade oposta à unicidade da escrita (Glissant, 2005).

Em *A cor púrpura*, Celie, protagonista negra do romance, é confrontada sobre sua maneira de se expressar: “[...] Você fala A GENTE quando a maioria das pessoa fala NÓS, ela falou, e as pessoa pensam que você é boba” (Walker, 2016, p. 217). A partir desse momento, Celie sofre com a condenação dos dominados ao silêncio e à insegurança de se manifestar devido à imposição de uma língua dominante legítima, como exposto em Pierre Bourdieu (2008) em *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. Em concordância com o ponto de vista psicológico de Fanon (2008) sobre os martinicanos que tentam falar o francês “correto”, dentro dessa lógica colonizadora, a personagem reflete:



Mas ela falou queu vou ficar mais feliz falando como ela fala. [...] Toda vez queu falo uma coisa do jeito queu falo, ela me corrige até queu diga de outro jeito. Logo eu sinto queu num vou mais dar conta nem de pensar. Meu pensamento começa a pensar alguma coisa, fica confuso, aí volta e assim meio que disiste. (Walker, 2016, p. 217).

Esses modos de falar negros também podem ser relacionados às releituras e às transformações da “África” produzidas pela diáspora africana. Segundo Édouard Glissant (2005), os locais retratados nos romances (Hurstun, 2021; Walker, 2016; Collins, 2018a), Sul dos Estados Unidos e Nordeste do Brasil, consistem na Neo-América, a América da colonização e criouliização em que a África prevalece. Contudo, nessa chegada dos “migrantes nus” escravizados (Glissant, 2005) no continente, os componentes culturais africanos não permanecem estáticos, mas se crioulizam com outros elementos heterógeneos. Assim, o resultado desse processo é um produto imprevisível diferente do modo de se expressar africano ou europeu: as línguas crioulizadas do *African American Vernacular English* e do pretuguês.

Entretanto, é importante enfatizar que esses resultados imprevisíveis não estão apenas na linguagem cotidiana, mas também em todas as expressões artísticas e culturais negras das Américas (Glissant, 2005). Nesse contexto, segundo Hall (2003), esta perspectiva diaspórica propõe reler “África”, relacionando-a ao que poderiam ser seus significados atualmente para diáspora. Em conformidade com as leituras de Glissant (2005) sobre criouliização e de Césaire sobre negritude (2010), recorda-se que essas culturas negras não procuram a volta ao continente africano original de um passado arcaizante. Desse modo, a diáspora traduz e produz a “África” novamente, permitindo que os sujeitos retornem a si mesmos (Hall, 2003).

Logo, segundo Glissant (2005), esses sujeitos negros das Américas afro-diaspóricas produzem uma identidade rizoma relacionada às criouliizações, não significando uma procura de uma identidade raiz única no continente africano. Além disso, dentro dessa perspectiva, retorna-se às discussões já realizadas sobre autodefinição e busca de identidade associadas ao feminismo negro e à negritude. Em *Água de barrela*, através da memória da história de sua família e essa possível releitura estética da “África” em seu romance, Eliana Alves Cruz conclui sobre sua tia-avó Nunú, transmissora de suas recordações para preparação do livro: “[...] Não



pergunto mais nada nem peço que me revele qualquer lembrança, embora, ao sentar ao seu lado, ela sempre me lembre de quem eu realmente sou” (2018a, p. 309).

Assim, o retorno da diáspora à “África” se associa ao retorno de si e de uma própria identidade como sujeito, gerando articulações entre o pensamento feminista negro, a negritude, os estudos culturais e a noção de uma poética da diversidade (Collins, 2016; Césaire, 1977, 2010; Gilroy, 2001; Hall, 2003; Glissant, 2005). Ademais, como explicitado pela teoria de Césaire, em relação a suas ideias que envolvem as culturas negras das Américas afro-diaspóricas: “Se a Negritude não foi um impasse, é porque ela nos levava além. Aonde ela nos levava? Ela nos levava a nós mesmos” (2010, p. 110).

Ainda sobre a diáspora em Hall (2003), aborda-se sua contribuição teórica associada aos romances de Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a). Destaca-se principalmente que *Água de barreira* (Cruz, 2018a), após pequenas introduções em cenas breves de Damiana, Isabel, Umbelina, Dasdô e Anolina, começa efetivamente sua narrativa no oeste africano com Akin Sangokunle ou Firmino, personagem da primeira geração apresentada da família que o livro segue durante três séculos. Dessa maneira, é narrada a diáspora na imigração forçada dos personagens africanos Akin e Ẹwà Oluwa, esposa de seu irmão mais velho, à escravidão no Brasil.

Nas releituras de “África” pela estética diaspórica em Cruz (2018a), a obra literária retrata as vidas dos descendentes de Akin, sempre conectados a este continente e à religião de seus ancestrais. Este fato é exemplificado pelo modo como todas as protagonistas dessa família indiretamente têm como um objetivo transcendental a busca pela justiça de Xangô, profetizada por Akin quando chegou em solo brasileiro (Frias; Pereti, 2023).

A cor púrpura de Alice Walker (2016) também explicita essa característica das escritoras das Américas afro-diaspóricas, como Hurston (2021) e Cruz (2018a), de produzirem a “África” novamente. Neste romance (Walker, 2016), a personagem Nettie vai ao continente como missionária, em um retorno concreto não metafórico. Já no navio, ao ver o litoral africano, Nettie, com o Reverendo e sua esposa, se emocionam: “[...] E nós ajoelhamos lá mesmo no convés e agradecemos a Deus por nos ter deixado ver a terra pela qual nossas mães e pais choraram - e viveram e morreram – para ver outra vez” (Walker, 2016, p. 142).



Por fim, ao reproduzirem um pensamento feminista negro de compreensão da natureza interligada das múltiplas opressões, a literatura de Hurston (2021), Walker (2016) e Cruz (2018a) gera uma visão alternativa humanista de solidariedade. Afinal, a emancipação das protagonistas negras de *Seus olhos viam Deus* (Hurston, 2021), *A cor púrpura* (Walker, 2016), e *Água de barreira* (Cruz, 2018a) só ocorre realmente com a eliminação de todos os sistemas de dominação relacionados à raça, ao gênero, à classe, à religião, à região e à orientação sexual. Ou seja, quando todos sujeitos estiverem livres e não forem objetificados por definições externas dominantes.

Desse modo, o feminismo negro dessa literatura representa uma nova visão contrária ao velho humanismo ocidental europeu, racista e colonialista, que desumaniza pessoas negras colonizadas (Césaire, 1977, 2010; Fanon, 2008). Nesse contexto, esta perspectiva se aproxima da busca de Frantz Fanon, “[...] em direção a um novo humanismo... à compreensão dos homens” (2008, p. 25). Além disso, principalmente em relação à negritude, é possível dialogar com Aimé Césaire na procura de uma “[...] conquista de uma nova e mais ampla fraternidade” (2010, p. 114).

Considerações finais

Através de diversas teorias socioantropológicas, este artigo pretendeu analisar esses três romances das Américas afro-diaspóricas, publicados nos dois últimos séculos: *Seus olhos viam Deus* de Zora Hurston (2021), *A cor púrpura* de Alice Walker (2016) e *Água de barreira* de Eliana Alves Cruz (2018a). Em uma revisão bibliográfica, procurou-se pensar nos elementos sociais e estéticos dessas obras literárias por meio da Teoria literária (Miranda, 2019; Santos, 2018, 2021), dos estudos culturais de Paul Gilroy (2001) e Stuart Hall (2003), do feminismo negro (Collins, 2016, 2019; Gonzalez, 2018, 2020), do movimento da negritude (Césaire, 1977, 2010) e da ideia de uma poética da diversidade de Édouard Glissant (2005).

Nesse ínterim, para pensar a relação do literário com a sociedade, inspirou-se na Sociologia da Literatura de Antonio Candido e a possibilidade de uma redução estrutural dos romances, em que o externo social está presente em suas estruturas. Ademais, sobre a prosa no gênero romance de escritoras como Hurston, Walker e Alves Cruz, foi utilizado um conceito de literatura negra que, por seu caráter transnacional, apresenta semelhanças com as reflexões sobre as produções artísticas



do Atlântico negro (Gilroy, 2001) e da diáspora (Hall, 2003), além de se aproximar com a noção de uma poética da diversidade e da Relação (Glissant, 2005). Nessa escrita negra e feminina, também foi possível um diálogo com a visão psicológica de Fanon sobre os colonizados e com o pensamento feminista negro, especificamente nas teorizações de Patricia Hill Collins (2016, 2019) e Lélia Gonzalez (2018, 2020).

Conclui-se que, mesmo com discordâncias, há diversas similaridades em teorias sobre as culturas negras, como estudos culturais (Gilroy, 2001; Hall, 2003), feminismo negro (Collins, 2016, 2019; Gonzalez, 2018, 2020; Greenshaw, 2002, 2004), negritude (Césaire, 1977, 2010) e poética da diversidade (Glissant, 2005). Entre estas, destaca-se a busca pela autodefinição e pela identidade, com a afirmação de si como sujeito contrária à ideologia dominante ocidental. Ainda nesse combate ao racismo e ao colonialismo, esses teóricos negros também se unem na valorização de modos de falar negros e na releitura da “África”, em um retorno da diáspora das Américas a si mesma através dessa nova produção do continente. Nesse contexto, essas duas características são observadas dentro dos romances das escritoras negras Hurston (2021), Walker (2016) e Alves Cruz (2018a) devido a sua linguagem e à busca de si das protagonistas dessas obras literárias.

Por fim, as correntes teóricas utilizadas, como a negritude e a poética da diversidade, convergem em um novo humanismo que, ao contrário do iluminismo moderno ocidental, realmente busca uma solidariedade e fraternidade entre todos sujeitos (Fanon, 2008; Césaire, 1977, 2010). Assim, a literatura de Zora Hurston (2021), Alice Walker (2016) e Eliana Alves Cruz (2018a) é feminista e negra, relacionando-se a uma possibilidade de que a cultura seja a vanguarda na concretização de transformações políticas e sociais. De fato, os objetivos transcendentais das protagonistas dos romances analisados (Hurston, 2021; Walker, 2016; Cruz, 2018a), do encontro com Deus à realização da justiça de Xangô, podem ser metáforas aptas para uma tradução literária, artística e estética do pensamento socioantropológico produzido nas Américas afro-diaspóricas.

Referências

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. 2019. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Tradução de Heci Reegina Candiani. 1ª ed. Boitempo Editorial.

ADORNO, Theodor W. 2003, *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo, Ed. 34.

BASQUES, Messias. 2019. "Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston". *Revista Antropológicas*, 22(30), p. 316-326.

BATALHA, Maria Cristina. 2020. "Relatos e travessias em Eliana Alves Cruz". *PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, 10(18), p. 246-265.

BENJAMIN, Walter. 1989. *Obras escolhidas (Vol. III). Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 1ª ed. São Paulo, Brasiliense.

BOURDIEU, Pierre. 2008. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

CARREIRA, Nara Lasevicius. 2020. "O crime do Cais do Valongo, de Eliana Alves Cruz: a ficção como (re) escrita da História". *REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS*, 1(24), p. 105-123.

CANDIDO, Antonio. 1993. *O discurso e a cidade*. São Paulo, Duas cidades.

CANDIDO, Antonio. 2006. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul.

CANDIDO, Antonio. 2023. *Vários escritos*. São Paulo, Todavia.

CEREZA, Felipe Aquiles. 2023. *Revisitando o passado: narrativas afrocentradas de Eliana Alves Cruz para (re) pensar literatura e história*. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

CÉSAIRE, Aimé. 1977. *Discurso sobre o colonialismo*. 1ª ed. Tradução de Noémia de Sousa. Lisboa, Sá da Costa Editora.

CÉSAIRE, Aimé. 2010. *Discurso sobre a negritude*. Tradução de Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte, Nandyala.

CHAMPAGNAT, Pauline. 2024. "Representing afro-brazilians in the works of Conceição Evaristo and Eliana Alves Cruz and contemporary brazilian media". *Hybrid*, 11.



COLLINS, Patricia Hill. 2016. “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, 31(1), p. 99-127.

COLLINS, Patricia Hill. 2019. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. 1ª ed. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo, Boitempo.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. 2020. *Interseccionalidade*. 1ª ed. Tradução de Rane Souza. São Paulo, Boitempo.

CREENSHAW, Kimberlé W. 2002. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. *Estudos feministas*, 10(1), p. 171-188.

CREENSHAW, Kimberlé W. 2004. “A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero”. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília, Unifem, p. 7-16.

CRUZ, Eliana Alves. 2018a. *Água de barrela*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Malê.

CRUZ, Eliana Alves. 2018b. *O crime do Cais do Valongo*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Malê.

CRUZ, Eliana Alves. 2022. *Solitária*. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras.

DAVIS, Angela Y. 1998. *Blues, legacies and black feminism: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith, and Billie Holiday*. 1ª ed. Nova York, Pantheon Books.

DAVIS, Angela Y. 2016. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo, Boitempo.

DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). 2014. *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Pallas.

EVARISTO, Conceição. 2020. “A escrevivência e seus subtextos”. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte.

FANON, Frantz. 2008. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA.

FEDERICI, Silvia. 2019. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução do Coletivo Sycorax. Editora Elefante.

FRASER, Nancy. 2020. “Contradições entre capital e cuidado”. *Princípio: revista de Filosofia*, Natal, 27(53), p. 261-288.



FRIAS, Laura Fratucci; PERETI, Emerson. 2023. “O machado de Xangô e o fio de contas da memória: ancestralidade, diglossia cultural e a resistência das mulheres de Água de barrela”. *Em Tese*, Belo Horizonte, 29(1), p. 64–83.

GILROY, Paul. 2001. *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo, Ed. 34; Rio de Janeiro, Universidade de Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos.

GLISSANT, Édouard. 2005. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora, Editora UFJF.

GONZALEZ, Lélia. 2018. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa....* Diáspora africana.

GONZALEZ, Lélia. 2020. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro, Zahar.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. 1982. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro, Marco Zero.

HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG; Brasília, Representação da UNESCO no Brasil.

HURSTON, Zora Neale. 2008. *Tell my horse*. HarperCollins e-books.

HURSTON, Zora Neale. 2018. *Baracoon: the story of the last “Black Cargo”*. 1ª ed. HarperCollins.

HURSTON, Zora Neale. 2019. *O que os editores brancos não publicarão*. Tradução de Messias Basques. *Ayé: Revista de Antropologia*, (1)1, p. 102-111.

HURSTON, Zora Neale. 2021. *Seus olhos viam Deus*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Record.

LAUTURE, Christelle. 2020. “African American Vernacular English: a language necessarily adorned”. *BSU Honors Program Theses and Projects*, Item 334.

LITERAFRO. 2022. *Eliana Alves Cruz*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>. Acesso em 21 jun. 2024.

LEVINE, Lawrence W. 1977. *Black culture and black consciousness: afro-american folk thought from slavery to freedom*. Nova York, Oxford University Press.

MIRANDA, Fernanda R. 2019. *Silêncios prEscritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Malê.

PINHEIRO, Nayane Larissa Vieira; SANTOS, Luciana Lis de Souza e. 2023. “Das figuras da memória que não embranqueceram na Água de barrela: uma análise

do romance histórico de Eliana Alves Cruz”. *Em Tese*, Belo Horizonte, 29(1), p. 103-119.

SAID, Edward. 1990. *Orientalismo*: o Oriente como a invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo, Companhia das Letras.

SANTOS, Mirian Cristina. 2018. *Intelectuais negras*: prosa negro-brasileira contemporânea. 2ª ed. Rio de Janeiro, Malê.

SANTOS, Mirian Cristina (org.). 2021. *Palavras além dos livros*: literatura negro-brasileira escrita por mulheres. Jundiaí, Paco Editorial.

SHAHEEN, Aamer; QAMAR, Sadia; KHAN, Muhammad Asif. 2021. “African American Vernacular English (AAVE) and african american identity in Alice Walker’s *The Color Purple*: A stylistic analysis”. *Pakistan Languages and Humanities Review*, 5(2), p. 602-625.

SILVA, Mário Augusto Medeiros. 2023. *Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2020)*. 2ª ed. São Paulo, Edições Sesc.

STEIN, Alexandre. 2020. “O inglês vernacular afro-americano: descrição e aplicações sociolinguísticas”. *Entretextos*, 20(2), p. 43-58.

WALKER, Alice. 2003. *In search for our mother’s gardens*. Mariner Books.

WALKER, Alice. 2016. *A cor púrpura*. 1ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio.